

Dia a dia www.agazeta.com.br/diaadia
[www.twitter.com/gazetadia_dia](https://twitter.com/gazetadia_dia)

Mexa-se. Risco de ataq-
de 30% com caminhada:
minutos, cinco vezes por

Serra. Barranco já causou destruição de oito residências em Nova Almeida

Morador pede socorro com medo de deslizamento

Prefeitura promete contratar estudo para diagnosticar o problema, mas ele vai durar quatro meses

PRISCILLA THOMPSON
ppessini@redgazeta.com.br

■ Há dois anos e meio, moradores da Rua José Belarmino Sobrinho, em Nova Almeida, na Serra, pedem socorro para que o deslizamento de terra do barranco que já condenou oito casas não caia sobre as que restaram no local. Outras oito famílias ainda vivem sob o medo de serem soterradas sempre que chove, desde que no final do ano de 2008 a comunidade foi surpreendida pelo primeiro deslizamento. Mas o problema não tem prazo para acabar. Segundo a prefeitura, um estudo para fazer o diagnóstico da área está sendo contratado. E ele deve demorar pelo menos quatro meses para ficar pronto.

É esse estudo que deverá apontar o que precisa ser feito no local, diz a coordenadora de governo da Prefeitura da Serra, Mary Gomes de Souza. "O diagnóstico também vai levantar informações sobre as licenças de construção das casas e os registros que os moradores têm das propriedades. Isso tudo vai determinar o pagamento de licenças, por exemplo, a quem já teve a casa condenada pela Defesa Civil", explica Mary. Só para o diagnóstico da área, serão investidos R\$ 147 mil, e o recurso é do governo federal.

O morro que ameaça a rua é



CARLOS ALBERTO SILVA

PUBLICO. Muros foram pichados denunciando o problema que já dura mais de dois anos

o mesmo que abriga, no seu topo, a Igreja de Reis Magos, um dos principais pontos turísticos da cidade. O terreno da igreja, porém, não ameaça cair, segundo a prefeitura e os moradores. "O nosso medo é de afetar as casas dos oito moradores que ainda estão aqui. Oito casas já caíram, mas e pelo restante, quem se responsabiliza?" questiona o líder comunitário do bairro, Jackson Gomes da Silva.

VÍDEO

Indignado com a situação, o vigilante Magno Miranda, de 36 anos, fez um vídeo para mostrar a situação da rua. Há cerca de seis meses os mora-

dores picharam as casas abandonadas por causa da queda do barranco. A dele foi uma delas. "Hoje, vivo do aluguel social, dado pelo governo. Recebemos R\$ 300 para morarmos em oito pessoas em uma casa pequena. Aqui, tínhamos duas casas, maiores", reclama.

Apesar de a comunidade ter se reunido algumas vezes com o prefeito, nenhuma providência havia sido anunciada até então. Como a área foi ocupada nas décadas de 1960 e 1970, muitos moradores sequer possuem o registro das residências, o que aumenta ainda mais o temor se outro novo deslizamento ocorrer. "Toda vez que chove, desce um pouco de terra. E não precisa ser

chuva forte", explica Jackson.

Apesar disso, o casal Lucinete Couto Santos, 32 anos, e Vanderlan Nunes Pereira, 31, não teme um soterramento parecido com o que destruiu parte da casa onde vive, na mesma rua. Hoje, eles moram numa casa quase ao lado, mas que não foi condenada, ainda. "O maior medo é pelas crianças. Temos três filhos e queremos a segurança deles, mas temos que confiar no que a prefeitura diz", afirma Vanderlan.

Casa de vigilante é cenário de destruição

■ Da casa onde o vigilante Magno Miranda, 36 anos, morava com esposa, filha, pai e mãe, nada restou. Ao lado dela, outra residência também quase veio totalmente abaixo com os deslizamentos de terra que condenou oito casas da rua. A única coisa que sobrou foram buracos e muita terra. "É triste ver o que a gente construiu ir embora assim. Para os governantes, parece que as nossas vidas valem pouco, ou nada. Estamos cansados de ver pequenas porções de terra deslizando, descendo para a rua e, pouco a pouco, acabando com tudo. O que falta para resolver essa situação?", questiona.

CARLOS ALBERTO SILVA



ASSISTA NO ONLINE

Veja vídeo sobre a situação da rua no www.agazeta.com.br